

## FOTOGRAFIA E IMPACTO SOCIAL: APROXIMAÇÕES ENTRE O DESIGN SOCIAL E O TRABALHO “WOMEN ARE HEROES” DO FOTÓGRAFO FRANCÊS JR

Amanda Graziela Mendes Zafaneli (IC) e Ana Paula Calvo (Orientador)

**Apoio: PIBIC Mackenzie**

### RESUMO

No mundo globalizado em que vivemos, cada vez mais condicionado ao visual, a imagem fotográfica vem desempenhando um papel fundamental em nossa sociedade, dando margem a uma infinidade de estudos e investigações acadêmicas a respeito dos seus diferentes tipos, funções e objetivos. Por isso, ao longo dos anos, a fotografia vem se tornando parte ativa da sociedade, exercendo desde um papel de registro de memórias, até mesmo de conscientização, denúncia, divulgação, etc. Trabalhos fotográficos como os do fotógrafo francês JR são um bom exemplo do papel da fotografia enquanto documento social, devido ao fato de mobilizar muitas pessoas ao redor do mundo. Para ele, de alguma maneira a fotografia pode mudar o mundo, mas esse não é o seu papel, e sim o de transformar as nossas percepções sobre o que nos rodeia já que, como toda imagem, a fotografia é percebida de formas diferentes, e tais construções privilegiam determinados elementos em detrimento de outros, proporcionando assim uma discussão e reflexão sobre questões sociais. Logo, por meio de um trabalho de análise da série de fotografias *Women Are Heroes*, realizadas pelo fotógrafo francês JR, este estudo se propõe a investigar o papel da fotografia enquanto documento social e elemento de transformação do real, analisando a linguagem visual e as estratégias de composição dessas imagens, assim como suas aproximações e/ou distanciamentos em relação ao conceito de design social.

**Palavras-chave:** Design social. Linguagem visual. Fotografia.

### ABSTRACT

In the globalized world we live in, increasingly conditioned to the visual, the photographic image has been playing a fundamental role in our society, giving rise to a multitude of studies and academic investigations regarding its different samples, functions and objectives. That is why, over the years, photography has become an active part of society, playing a role of recording memories, promoting awareness, presenting denunciations, etc. Photographic works such as from the French JR are a good example of the role of photography as a social document, because it mobilizes many people around the world. For him, photography can somehow change the world, but to transform our perceptions of the surroundings should be its main purpose since, like every image, photography is perceived in different ways, and such constructions favor certain elements over others, thus providing a discussion and

reflection on social issues. Therefore, through a work analysis of the series of photographs *Women Are Heroes*, made by the French photographer JR, this study aims to investigate the role of photography as a social document and element of transformation of the real, analyzing the visual language and strategies of composition of these images, as well as their approximations and / or distances in relation to the concept of social design.

**Keywords:** Social design. Visual Languages. Photography.

## 1. INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que a fotografia exerce um papel como formadora de consciência em todos os meios de comunicação, oferecendo uma narrativa do homem no mundo, tornando-a uma dádiva da memória, e isto se deve ao fato de que proporciona variadas percepções em seus observadores (FREIRE, 2016).

Conforme Sontag (2003, p. 21) “ao contrário de um relato escrito – que, conforme sua complexidade de pensamento, de referências e de vocabulário, é oferecido a um número maior ou menor de leitores – uma foto só tem uma língua e se destina potencialmente a todos (...) numa era sobrecarregada de informação, a fotografia oferece um modo rápido de aprender algo e uma forma compacta de memorizá-lo. A foto é como uma citação ou uma máxima ou provérbio”.

Para Becker (1973) a máquina fotográfica deveria ser pensada como um instrumento de comunicação mais impactante do que uma máquina de escrever, e não somente como uma ferramenta de registros. A fotografia, então, passa a ser vista como um elemento de comunicação mais eficaz do que as palavras, em muitos casos, e dessa forma se contextualiza como documento social. Serve para testemunhar uma realidade, para produzir a consciência do nascimento, da mudança, do desaparecimento ou mesmo da morte (BERGER, 2005).

Esse tipo de documentação pode ser encontrado nos trabalhos de alguns fotógrafos que registram através de suas lentes, fatos de caráter social, histórico e até antropológico, frutos dos seus interesses por um determinado contexto ou situação, como é o caso do fotógrafo francês JR.

Esta pesquisa foi inspirada pelo trabalho do fotógrafo JR, em especial o seu projeto: *Women Are Heroes*, que gerou um filme exibido em *Cannes* em 2010, e proporcionou a JR o primeiro lugar como ganhador do prêmio TED em 2011. Por meio deste, surgiu a reflexão a respeito do papel dos que produzem imagens, e seus deveres junto à sociedade, como artistas, fotógrafos e designers, a influência que pode ser exercida através das suas criações, como também sua atitude frente às questões sociais através da relação entre teoria e prática, e o desejo de analisar a influência da fotografia junto à sociedade estudada, tornando-o relevante academicamente e socialmente.

Sob a perspectiva de que a fotografia também pode exercer um papel de documento social e elemento de transformação do real, através da série *Women Are Heroes*, produzida pelo fotógrafo francês JR, este estudo buscou analisar a linguagem visual e as estratégias de composição de suas imagens, assim como aproximações e/ou distanciamentos entre o trabalho do fotógrafo e o design social.

## 2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

### 2.1 Fotografia: histórico e percepções sociais

Quando entrou em cena, em meados do século XIX, a fotografia, graças a sua natureza testemunhal, tornaria possível a recordação, como também serviria de denúncia e documentação, além de criação artística (KOSSOY, 2014). Utilizada como uma ferramenta de comunicação, pode-se dizer que a fotografia tem como uma de suas funções “prender” a realidade, sendo assim um excelente instrumento de pesquisa das desigualdades. A imagem não é apenas o que é visto, “ela é uma ação que coloca em cena o visível, um nó entre o visível e o que ele diz, como também entre a palavra e o que ela deixa ver” (RANCIÈRE, 2008, p.77).

É através do ensaio que o fotógrafo pode expressar com mais intensidade sua visão sobre determinado tema, e é importante que se sinta a singularidade que a presença do ponto de vista do autor permite ao trabalho. Ao mergulhar em um ensaio o autor se vê inserido em um processo que exige muito mais que a captura de imagens, sobre a edição que melhor pode expressar sua intenção no trabalho (tendo assim mais efeito que a simples exposição de tudo que se pode revelar a respeito do assunto em questão) e sobre a apresentação que seja mais eficiente para tocar o outro, seu apreciador (FIUZA; PARENTE, 2008, p. 171).

O significado das imagens deve ser considerado levando em conta que elas são produtos históricos e sociais que evoluem ao longo do tempo e do espaço. No que se refere à comunicação fotográfica, podemos destacar como participantes e possíveis interventores: o fotógrafo, o receptor, a fotografia e o contexto.

Sontag (2004) aponta ainda a imagem fotográfica como responsável por exercer um importante papel de comunicação, visualização, conservação e transmissão das atividades sociais, culturais, políticas e até científicas de uma sociedade, tornando-a dessa forma um documento social. Para a autora:

Quando fotografamos algo, isso se torna parte de um sistema de informação adaptado a esquemas de classificação, desde o acúmulo de sequências cronológicas em álbuns de família até os sistemas mais avançados de acúmulos obstinados e o arquivamento meticuloso, necessário às mais diversas áreas (SONTAG, 2004, p. 172).

Devido à sua grande abundância de percepções, por documentar a história visual de pessoas e sociedades, relatar situações e registrar gestos, estilos de vida e rituais, a fotografia, para Dubois (1999), é apontada como um dos elementos de suporte à comunicação, se diferenciando de outros sistemas de representação e devendo ser pensada como um instrumento fundamental na formação de consciência social, sendo muitas vezes mais impactante do que registros textuais (BERGER, 2005; FREUND, 2010).

Percebe-se que a comunicação acaba por se tornar um elo entre os indivíduos, que precisam dela para driblar idiomas e obstáculos, e até mesmo atravessar fronteiras, e a imagem fotográfica se apresenta como principal ferramenta, não somente para comunicar, mas também para provocar, informar e denunciar (ROCHA, 2002).

Para Fabris (2007, p.33), “apesar da existência de um sem número de estudos que analisam todas as manipulações a que uma fotografia pode ser submetida, ela continua sendo vista como uma prova irrefutável da verdade, da veracidade de um acontecimento, pela maioria das pessoas”.

Segundo Hovnanian (2014)<sup>1</sup>, “o fotógrafo documental expressa sua emoção por meio da câmera frente a um problema social”, o que se faz perceber que o fotógrafo possui um papel, acima de tudo, de observador sensível da realidade social, registrando de forma mais eficaz uma série de imagens e não apenas uma foto.

Em virtude da globalização, a desordem das relações sociais se torna cada vez mais visível. Tal desordem aponta um mundo de pobreza, miséria e fome, onde “a imagem que estampa o sofrimento humano em painéis publicitários, pode incomodar, mas não nos convoca à mudança de atitude. O que verificamos é que o incômodo se resume ao hábito, como nas imagens de guerra que são transmitidas pela televisão. As imagens são para nós, espectadores (ou consumidores), apenas imagens e, pela constante presença, já não causam desconforto” (BAUMAN 1999, p. 54).

Segundo Sontag (2003, p. 36) “as intenções do fotógrafo não determinam o significado da foto, que seguirá seu próprio curso, ao sabor dos caprichos e das lealdades das diversas comunidades que dela fizerem uso”.

No que se refere à fotografia como ferramenta de denúncia, pode-se encontrar registros de fotógrafos retratando as realidades sociais, tais como os trabalhos de Jacob Hiis, reformista social, fotógrafo documental e jornalista, e Lewis Hine, professor, sociólogo e fotógrafo investigativo. Hiis em 1890 publicou: *How the Other Half Lives* (Como a Outra Metade Vive), um livro de crítica social sobre a pobreza em Nova York, contendo desenhos, fotografias e estatísticas. Já os trabalhos de Hine ficaram marcados pela exposição da crueldade do trabalho infantil em várias partes dos Estados Unidos (FREIRE, 2016).

[...] pode visar informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vista através da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico (SOUSA, 2000, p. 12).

---

<sup>1</sup> Este projeto contou inicialmente com a orientação e colaboração do professor e fotógrafo Marco Antônio Hovnanian.

## 2.2 Linguagem Visual

Ao levar em consideração a grande difusão das imagens e a importância que exercem sobre a sociedade, é interessante compreender de que forma e através de quais elementos elas são concebidas. Segundo Dondis (2007, p. 2): “A expressão visual significa muitas coisas, em muitas circunstâncias e para muitas pessoas. É produto de uma inteligência humana de enorme complexidade, da qual temos, infelizmente, uma compreensão muito rudimentar”.

Para a autora,

“o visual predomina, o verbal tem a função de acréscimo. [...] O grau de influência da fotografia em todas as inúmeras variantes e permutações constitui um retorno à importância dos olhos em nossa vida. [...] Ao ver, fazemos um grande número de coisas: vivenciamos o que está acontecendo de maneira direta, descobrimos algo que nunca havíamos percebido, talvez nem mesmo visto, conscientizamos-nos, através de uma série de experiências visuais, de algo que acabamos de reconhecer e saber, e percebemos o desenvolvimento de transformações através da observação paciente [...] expandir nossa capacidade de ver significa expandir nossa capacidade de entender a mensagem visual e, o que é ainda mais importante, de criar uma mensagem visual.” (DONDIS, 2007, p. 12, 13).

Através do alfabetismo visual, é possível compreender os elementos da linguagem visual, o que permitirá um maior entendimento das imagens que serão analisadas posteriormente. “O alfabetismo visual implica em compreensão, e meios de ver e compartilhar o significado a certo nível de universalidade. A realização disso exige que se ultrapassem os poderes visuais inatos do organismo humano”. (DONDIS, 2007, p.227). Logo, o alfabetismo visual permite a expansão de conhecimento em áreas pouco exploradas, permitindo, desta forma, uma “compreensão culta dessas informações e experiências.” (DONDIS, 2007, p.227).

Segundo as leis da *Gestalt*, as imagens podem influenciar psicologicamente a percepção humana de algumas maneiras: **equilíbrio**, remete à necessidade humana encontrar um eixo, de organizar as informações. Para Lupton e Phillips (2008, p. 29): “Em design, o equilíbrio age como uma baliza para a forma - ele ancora e ativa os elementos no espaço [...] O equilíbrio visual acontece quando o peso de uma ou mais coisas está distribuído igualmente ou proporcionalmente no espaço.”; **tensão**, surge quando é percebida a instabilidade; **nivelamento**, nota-se que há estabilidade e harmonia; **aguçamento**, quando é percebido algo em algum lugar “inusitado”; **preferência pelo ângulo inferior esquerdo**; **atração e agrupamento**, constitui outro princípio da Gestalt, que baseia-se no fato de que todo ser humano ao perceber dois pontos, próximos um do outro, tende a fazer ligações entre eles, devido a necessidade de formar um conjunto; **positivo e negativo**,

conhecido também como **figura/fundo**, sendo que para Samara (2010, p.37) “a forma é considerada em elemento positivo, uma coisa ou um objeto sólido. O espaço é considerado negativo – não de uma maneira ruim, mas como a ausência, ou oposição, da forma. O espaço é o ‘fundo’ no qual a forma torna-se uma ‘figura’”. Dondis (2007, p.47) refere-se à importância do positivo e negativo como uma relação “ao fato de que, em todos os acontecimentos visuais há elementos separados e ainda assim unificados.”

Os elementos básicos da comunicação visual podem ser subdivididos em: **ponto**, considerado a menor e mais simples unidade visual, “indica uma posição no espaço” (LUPTON; PHILLIPS, 2008, p.14); **linha**, composta pela união de pontos, podem sugerir uma direção, uma forma, uma escrita, etc. Segundo Lupton e Phillips (2008, p.16): “É a conexão entre dois pontos ou o trajeto de um ponto em movimento.” ; **forma**, composta por linhas, podem ser definidas basicamente em quadrado, círculo e triângulo equilátero (DONDIS, 2007, p. 57), que quando combinadas podem gerar infinitudes de outras formas que são percebidas na natureza; **direção**, é encontrada a partir das formas básicas, como por exemplo o quadrado sugere a horizontal e vertical; o triângulo, a diagonal; e o círculo, a curva. (DONDIS, 2007, p. 59); **tom**, através da presença ou ausência de luz ele é percebido de forma variável; **cor**, relacionada com as emoções, é percebida conforme a quantidade de luz, o que permite a variação do seu tom. “A cor serve para diferenciar e conectar, ressaltar e esconder” (LUPTON; PHILLIPS, 2008, p.71); **textura**, podendo ser visual e/ou tátil, revela a superfície real ou reproduzida de algo, podendo trazer uma ilusão à visão; **escala**, medidas e tamanhos que podem ser visualmente diferentes conforme a composição visual, variando conforme o contexto; **dimensão**, presente no mundo real, porém ao ser representada num plano bidimensional ela é ilusória, e auxilia a técnica da perspectiva; **movimento**, é implícito visualmente, e ao ser representado confere dinamismo à composição. “O ponto, a linha e o plano compõem os alicerces do design. Partindo desses elementos os designers criam imagens, ícones, texturas, padrões, diagramas, animações e sistemas tipográficos.” (LUPTON; PHILLIPS, 2008, p.13).

Ainda segundo Dondis, umas das técnicas visuais mais importantes para o controle de uma mensagem visual é o **contraste**. “No processo de articulação visual, o contraste é uma força vital para a criação de um todo coerente. [...] é um poderoso instrumento de expressão, o meio para intensificar o significado, e, portanto, simplificar a comunicação.” (DONDIS, 2007, p.108)

Todos estes elementos apresentados são essenciais à composição de meios visuais, e auxiliam quanto à compreensão do que se pretende comunicar visualmente.

Expressamos e recebemos imagens visuais em três níveis: o *representacional* – aquilo que vemos e identificamos com base no meio

ambiente e na experiência; o *abstrato* – a qualidade cinestésica de um fato visual reduzido a seus componentes visuais básicos e elementares, enfatizando os meios mais diretos, emocionais e mesmo primitivos da criação de mensagens, e o *simbólico* – o vasto universo de sistemas de símbolos codificados que o homem criou arbitrariamente e ao qual atribuiu significados [...] Tanto instintiva como intelectualmente, grande parte do processo de aprendizagem é visual. A visão é o único elemento necessário à compreensão visual. (DONDIS, 2007, p.85).

Para Samara (2010, p.32), “A forma que é escolhida ou feita, seja qual for o objetivo, deve ser considerada com o maior cuidado possível, porque cada forma, não importa o quão abstrata ou aparentemente simples, transmite significado.”

### 2.3 Design Social

Segundo Coelho (2008, p.62) “o design é mais do que a especificação das partes de um todo como na tradição cartesiana. Não é uma regra universal de configuração, mas uma ação interpretativa, criadora, que permite diversas formas de expressão”.

Dentre essas expressões, a informação, ou mesmo o alerta para causas sociais, culturais e políticas, se destacam, apontando o design como um instrumento eficiente e relevante de promoção de bem-estar, sendo desta forma, também chamado de Design Social (ESCOREL, 2000).

Percebe-se, portanto, que o design social aborda questões referentes às necessidades e problemas de uma sociedade, tendo como principal objetivo a melhoria das condições de vida de indivíduos, respeitando em seus projetos, a cultura local e a preservação e renovação do meio ambiente (LÖBACH, 2001).

O design social é utilizado como ferramenta de questionamento e mobilização social, dedicado à difusão de ideologias e à busca de melhoria social. Quando um projeto traz informações relevantes e benéficas, que contribuem para o conhecimento de seus espectadores, torna-se uma ação de cidadania e responsabilidade por parte do profissional, necessária para a redução de problemas sociais (NEVES, 2011, p. 45).

Desta forma, o design social evidencia as obras artísticas e imagens como ferramentas sociais, principalmente em virtude das mensagens que estas, muitas vezes, transmitem quando convocam os espectadores a assumirem uma postura de indignação frente às obras que lhes são expostas (RANCIÈRE, 2010).

Segundo Manzini (2008), para se alcançar uma melhor relação entre a sociedade, ambiente e produto, é necessária uma intervenção do designer. Porém, tal ação só surtirá algum impacto, se o designer, primeiramente, possuir consciência dos problemas referentes

à sociedade na qual está inserido. Tendo esta consciência, o designer poderá desenvolver atividades e ações que resgatem valores sociais e transformem o contexto onde atua.

Desta forma, abre-se um debate a respeito da representação do design e de seu papel, na busca pelas necessidades do indivíduo, e não para as suas vontades, ou seja, uma reflexão para a inspiração de ideias socialmente responsáveis (PAPANEK, 1977):

[...] os designers podem ter um papel muito especial e, esperamos, importante: mesmo não tendo meios para impor sua própria visão aos outros, possuem, porém, os instrumentos para operar sobre a qualidade das coisas e sua aceitabilidade e, portanto, sobre a atração que novos cenários de bem-estar possam porventura exercer (MANZINI, 2008, p.16).

Observa-se neste contexto, que o design se apresenta com uma peça fundamental no processo de conscientização da sociedade, pois pode participar de seu desenvolvimento enquanto ferramenta para construção de informação social e identidade. Denis (2000) corrobora ainda com esta afirmação quando declara que o design é na verdade um instrumento que, bem projetado e utilizado, pode contribuir para a construção de uma nação, ou mesmo do mundo.

Segundo Shea (2012) muitos designers têm entendido a importância do design para a sociedade, e têm focado seus talentos e produções artísticas para o “design de mudança social”, “design centrado no homem” ou mesmo o “design de impacto social”, buscando alcançar aqueles que são desprivilegiados.

## **2.4 O Fotógrafo JR e a caracterização de seus trabalhos**

De certa forma, a arte pode mudar o mundo. A arte não deve mudar o mundo, mudar coisas práticas, mas mudar as percepções das pessoas. A arte pode mudar a maneira como vemos o mundo. A arte pode criar uma analogia. Na verdade, o fato de a arte não poder mudar as coisas, a torna um lugar neutro para trocas e discussões e, em seguida, permite que você mude o mundo (JR, 2011).

JR é um renomado fotógrafo francês, nascido em Paris e que desde pequeno sempre foi interessado por arte urbana, porém, o desejo de mudar o mundo nem sempre existiu em sua vida. Nos tempos de adolescência, grafitando os muros de Paris, o seu objetivo era deixar a sua marca, ser visto e notado pelas pessoas. Mas aos 17 anos, quando encontrou uma câmera no metrô da cidade e passou a colar suas fotografias pelas ruas, percebeu que a cidade poderia ser uma excelente galeria, onde todos poderiam ver o seu trabalho.

Desde então, as imagens que captura ao redor do mundo são em sua maioria de

peças anônimas, normalmente destacando seus rostos. Uma característica de seus trabalhos consiste, em geral, na impressão em grande escala e colagem de fotos em preto e branco de pessoas desconhecidas, geralmente dando destaque ao rosto dos indivíduos fotografados ao redor do mundo, coladas em áreas públicas, em praças, escadarias, morros, telhados, casas, escombros, etc.

Outra marca característica também dos seus trabalhos é a produção de vídeos de caráter autoral e artístico, contendo depoimentos e registros da participação popular nos projetos, dando a este um aspecto mais colaborativo e autêntico, sendo postados posteriormente nas redes sociais e em seu site.

Notamos que a sua produção oscila entre a postura rebelde, utópica, engajada, e de certa forma militante e certos projetos em que isto não se faz notar com tanta intensidade. Ao descrevermos pormenorizadamente seus trabalhos poderemos detectar isto com mais clareza (CAIELLI, 2017, p.37).

Para JR, o espaço público é o melhor lugar para exibir seus trabalhos, principalmente no que se refere à oportunidade de levar o sujeito a se deparar com a arte em seu cotidiano e surpreender-se.

Acredita que a arte liberta os indivíduos de sua condição de invisibilidade, desconstruindo imagens, recriando corpos e rostos, e o fotógrafo não tem condição de mudar a realidade, o pensamento, até mesmo a vida das pessoas que retrata, porém ele pode revelar novas percepções, novos ângulos sobre o dia-a-dia, dar voz ao despercebido, uma “cara” ao invisível e anônimo.

Assim, seu principal desafio, para além de estampar os rostos de pessoas comuns em espaços públicos, é reconfigurar as cenas do visível, deslocar olhares, provocar novas formas de ocupar e ler os espaços urbanos e fazer com que as pessoas encontrem seu próprio interesse nos projetos. A ideia de JR, explicitada em seu site, é a de que as fotos, impressas geralmente em papel, devem ser efêmeras, até mesmo para que se tornem únicas, especiais, e sejam guardadas na lembrança daquelas pessoas (MARQUES; CORREIO, 2014, p.4).

A ideia de imprimir em papéis, como se fosse um lambe-lambe, é para fornecer um caráter efêmero a estas imagens, um valor especial e as tornem únicas, marcando a memória das pessoas envolvidas.

A fotografia tornou-se uma arte, fazendo falar duas vezes o rosto dos anônimos: como testemunhas mudas de uma condição inscrita diretamente em seus traços, suas roupas, seu modo de vida; e como detentores de um segredo que nunca iremos saber, um segredo roubado pela imagem mesma que nos traz esses rostos (RANCIÈRE, 2012, p.23).

Estas imagens ao serem coladas fazem uma interferência com a região ao redor, trazendo vida e novas formas que chamam a atenção de quem passa.

Não estando subordinada à ação, a fotografia em sua presença muda revela um conjunto de indeterminações. Olhando simplesmente a foto não é possível saber se a cena foi conseguida de forma “espontânea” ou “montada”, por isso, também não é possível saber porque a foto foi tirada e muito menos a quem ela se dirige. As indeterminações da imagem interrompida atraem sempre novos significados e o espectador coloca nelas suas próprias intenções, criando um jogo entre estranhamento e significação. Assim, a pensatividade da imagem não está no conteúdo que ela apresenta, mas no fato de que sua autonomia coloca em jogo vários modos de representação (HUSSAK, 2012, p.106).

## 2.5 *Women Are Heroes*

Um dos trabalhos mais conhecidos de JR, é o *Women Are Heroes* (2008 a 2014), em que mulheres em diversos países foram retratadas, trazendo em seus corpos e dentro de si marcas de violência, de perdas, de sofrimento, de dor, mas com uma luz de esperança. JR buscou encontrar e retratar a essência da humanidade em cada uma delas:

*Women Are Heroes* me levou ao redor do mundo. Na maioria dos lugares que visitei, decidi ir para lá porque ouvi sobre isso através da mídia (...) quando você entra nessas sociedades em desenvolvimento, as mulheres são os pilares de sua comunidade, mas os homens ainda são os que estão nas ruas. Por isso, fomos inspirados a criar um projeto em que os homens prestarão homenagem às mulheres publicando suas fotos. Quando ouvia todas as histórias, em todos os lugares em que andava nos continentes, nem sempre conseguia entender as complicadas circunstâncias do conflito. Eu apenas observei. Às vezes não havia palavras, nem sentenças, apenas lágrimas. Por trás de cada imagem há uma história. Eu apenas tirei as fotos e coleí. (JR, 2011).

JR, através do seu trabalho, confere voz a essas mulheres permitindo que sejam vistas, percebidas, podendo se sentir únicas, valorizadas, importantes de alguma forma, e ainda traz a público uma realidade ignorada muitas vezes pela maior parte da população. Este trabalho também produzido em forma de filme, foi exibido no Festival de *Cannes* de 2010, na *Semaine de la Critique* (Semana Internacional da Crítica), competiu pela *Caméra d'Or* e foi ainda lançado nos cinemas franceses em janeiro de 2011.

Em sua palestra no TED *Talks* no ano de 2011, JR conta que no ano de 2008, quando estava assistindo TV em Paris, ficou sabendo da tragédia no morro da Providência no Rio de Janeiro, aqui no Brasil, quando três adolescentes foram detidos pelo exército, por não estarem portando as suas identificações, e levados para uma favela inimiga, ao invés da delegacia. Chocado com a notícia, não somente pela morte dos meninos, como também dos seus esquiteamentos, ele decidiu vir ao Brasil e conhecer esta realidade de perto.

Assim que chegou, acompanhado por um fotógrafo da comunidade, mais dois

fotógrafos e um operador de câmera de vídeo, fez vários contatos com as pessoas dali e buscou as mulheres ligadas aos adolescentes mortos (mães, avós, tias, amigas, etc.). Como disse o próprio JR: “todos queriam gritar a história”. Após tirar as fotos, buscou usar a escadaria onde os meninos foram detidos e onde os traficantes circulam e trocam tiros diariamente, como o seu mural, fazendo desta uma colagem muito mais preocupada com a sua simbologia, do que com a divulgação da sua arte e de seu trabalho. Vendo a reação positiva da comunidade, espalhou as demais fotografias por todo o morro da Providência.

Depois disso, JR esteve na África: Quênia, Sudão, Libéria e Serra Leoa, em lugares devastados pela guerra. Nestes lugares, muitos perguntavam a ele: “*Você é uma ONG?*”? “*Qual é o objetivo do seu projeto?*”? “*Você é da mídia?*”? “*Por que as fotos são preto e branco?*”? JR acredita que é a curiosidade das pessoas que as motiva a participar dos projetos, tornando-se posteriormente em necessidade, desejo, uma armadura, principalmente para as mulheres que são sempre as primeiras a serem alvo em um conflito.

JR conclui sua palestra no TED, convidando a plateia a participar de projetos globais de arte, para juntos transformarem o mundo de “dentro para fora”. Encoraja-os a procurarem por temas e assuntos que sejam apaixonados, ou por histórias que achem inspiradoras e que valham a pena compartilhar com outros, e até mesmo, fotografias que possam impactar as pessoas e as levarem a refletir sobre suas vidas e sobre as dos outros: “*revele coisas ao mundo*”.

O que vemos muda quem somos. Quando agimos juntos, a coisa toda é muito mais do que a soma das partes. Então, espero que juntos criem algo que o mundo se lembre. E isso começa agora e depende de você (JR, 2011).

Marques e Correio (2014, p. 6), ao se referirem ao trabalho de JR em *Women Are Heroes*, afirmam: “Ao conferir grande destaque aos rostos femininos, as fotografias de JR incomodam e, ao mesmo tempo convocam o sujeito que as observa, deslocando o espectador de sua situação habitual de conforto e fazendo-o enxergar o outro de um novo modo”.

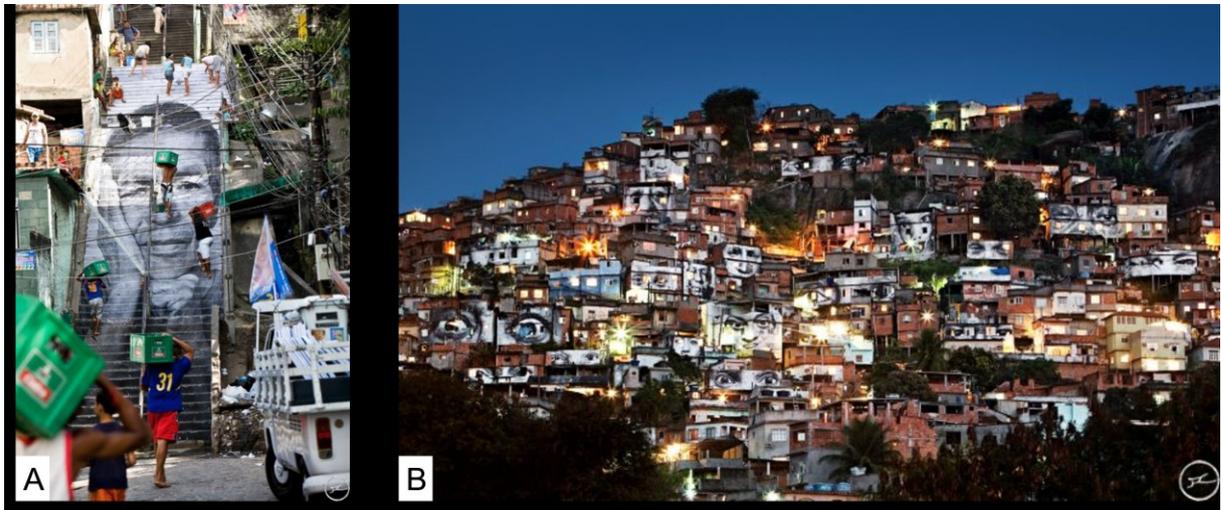
No Morro da Providência<sup>2</sup>, a escadaria que dá acesso à comunidade foi memorizada com a fotografia de d. Benedita. Ela é avó de um dos jovens que foi assassinado no episódio citado anteriormente. Segundo entrevista à Adriana Silva, do jornal Folha de São

---

<sup>2</sup> Através da sua ONG: *Can Art Change The World?*, JR após o projeto *Women Are Heroes*, fundou no morro da Providência a “Casa Amarela”, uma instituição que atua como centro cultural e que conta com doações locais e internacionais, e também com a colaboração de pessoas da comunidade e instituições culturais, para que os moradores da comunidade possam usufruir de aulas de arte, oficinas, grafite, cursos de idiomas, teatro, dança, capoeira, yoga, poesia, culinária, etc., e alcancem a melhoria de vida através da cultura, arte, educação, buscando assim ajudar as pessoas a se tornarem auto-sustentáveis e autônomas.

Paulo, ela declarou: “Sou uma heroína sim. Desde que meu neto morreu, estou lutando para resistir. Perdi um pedaço de mim.”

Imagens 1A e 1B: Women Are Heroes - escadaria Morro da Providência, Rio de Janeiro.



Fonte: JR Art Net (2008)

Outras mulheres também deram seu depoimento ao Folha:

*“[...] quando vimos o que era o projeto, só de receber essa homenagem, nós, que somos faveladas, ficamos com a auto-estima lá em cima. Me senti realizada de ganhar amigos de tão longe [...] nunca mais vou me esquecer.”* (Rosiete Marinho).

*“Foi uma surpresa. Não sabia que iam aparecer só meus olhos. Gigantescos! [...] Acabei me emocionando. Ninguém nunca fez isso aqui antes. É uma arte.”* (Lindinalva Oliveira, “d. Linda”).

*“Aqui no morro, o povo fica meio desconfiado quando chega gente de fora [...] a gente confia só se conhece mesmo a pessoa. Por isso, só de morar aqui, me sinto uma heroína. Enfrento tanta coisa. Vejo tantas coisas acontecendo no dia-a-dia. É uma luta diária.”* (Juraci Vilela Gomes, “Jura”).

*“O projeto de JR trouxe muita vida à favela. Somos uma comunidade carente, completamente ignorante de arte. [...] Nós favelados não somos nada. Só números: do CPF, do RG, título de eleitor. Quando um morre, morre um número. Por isso, é tão importante o que JR fez.”* (Aline Mendes da Silva).

No ano de 2008, JR deu continuidade a este trabalho, porém na ocasião, em Serra Leoa (África), onde não tentou entender os protagonistas ou razões do conflito, mas buscou observar as mulheres e sua dor, publicando suas fotos em locais onde elas eram conhecidas.

Imagens 2A e 2B: *Women Are Heroes* – Serra Leoa



Fonte: JR Art Net (2008)

Na Libéria, também na África, JR fez o mesmo trabalho, porém, as mulheres fotografadas pediram para que as “histórias delas viajassem com ele”, e que suas experiências dolorosas pudessem ser compartilhadas com muitos.

Imagens 3A e 3B: *Women Are Heroes* – Libéria



Fonte: JR Art Net (2008)

Ainda no continente Africano, no Quênia, em uma das maiores favelas da África (Kibera), no ano de 2009, JR fez o mesmo tipo de trabalho, porém, desta vez, utilizou um material resistente a água, colocando as aplicações nos telhados das casas das mulheres que tiveram seus olhos e rostos fotografados.

Fez também uma composição em que parte do rosto das mulheres fotografadas foi aplicada próxima à linha do trem e os seus olhos foram plotados nos vagões do trem, e quando este passava pela comunidade, a imagem se formava aparecendo o rosto completo das mulheres.

Imagens 4A e 4B: *Women Are Heroes* - Quênia



Fonte: JR Art Net (2009)

Já na Índia, em virtude das leis que proibiam colagens nas paredes das cidades, JR precisou usar uma técnica diferente: utilizar adesivos brancos que, com a poeira e terra das ruas, desenhasse o rosto e olhos daquelas que ele fotografou. Ele fez isso em tijolos e muros de pedra e somente depois de alguns dias é que as imagens começaram a surgir no contexto das cidades.

Imagens 5A e 5B: *Women Are Heroes* – Índia



Fonte: JR Art Net (2009)

Por fim, no Camboja, JR fotografou mulheres em luta contra as autoridades locais para conseguirem permanecer em suas casas e não serem expulsas, em meio ao “boom” imobiliário, que buscava derrubar as favelas, para dali construir prédios residenciais e comerciais.

Imagens 6A e 6B: *Women Are Heroes* - Cambodja



Fonte: JR Art Net (2009)

## 2.6 Análise da linguagem visual e composição das imagens da série *Women Are Heroes*

As interpretações de uma fotografia não são únicas e exatas, pois, vale lembrar que cada espectador terá um olhar conforme sua bagagem de conhecimento e experiências, sensações que viveu anteriormente. Outro fator importante a ser levado em consideração é que o momento vivido pelo fotógrafo, sua emoção e suas intenções também interferem diretamente sobre a imagem. As imagens estudadas neste artigo foram criadas pelo próprio JR e retiradas do seu site, e foram analisadas segundo a linguagem visual sob a ótica de Donis A. Dondis, Ellen Lupton e Jennifer Cole Phillips e Timothy Samara, e suas aproximações com o design social tendo como base contextualização de suas aplicações.

As imagens produzidas revelam uma íntima ligação com o local onde foram inseridas e aplicadas, pois as mulheres fotografadas pertencem a estes lugares e fazem parte da sua história. Ao serem vistas, as fotografias provocam uma curiosidade imediata, um estranhamento, pois não é comum rostos humanos e olhos, enormes, serem expostos em telhados, paredes de casas, muros, trens, etc.

Considerando o que foi exposto anteriormente sobre a linguagem visual é possível perceber que todas as fotografias da série *Women Are Heroes*, tem uma estrutura comum: são todas fotos em preto e branco, com um rosto de mulher como figura central da imagem. As composições são equilibradas, niveladas, harmônicas, e mostram um aguçamento devido à sua grande escala e ao local onde estão inseridas.

Na relação figura fundo, a figura é ativa e possui relação estável com o fundo que é passivo. Porém ao considerar as fotografias como figura e o local onde estão inseridas como fundo, a relação pode ser considerada dinâmica, pois o fundo (telhado, trem, teto da casa,...) provoca uma tensão, já que proporciona movimento, textura, cor (imagem 5A), e

tudo isso agrega valor a essas imagens e também aos espaços onde estão instaladas, pois “cada elemento trazido ao espaço adiciona complexidade”. (SAMARA, 2010, p. 62)

Algumas fotografias sugerem que as mulheres estão em movimento e não estáticas, no caso em que elas estão sorrindo, fazendo caretas, etc. (imagens 2A, 2B, 3A, 4A e 4B). JR utiliza a escala de cinza nas figuras das mulheres, que podem ter o fundo preto ou branco conforme a imagem, o que geram um grande contraste de tom, e torna mais dramático o significado das imagens.

Segundo Samara (2010, p. 110 e 111), a qualidade da cor preto “evoca nos observadores o vazio [...] seu mistério é percebido como formal e único, sugerindo superioridade e dignidade”, já a cor branco “ao redor de áreas com atividade de cor em uma composição – principalmente em torno do preto, que gera o maior contraste –, o branco transmite a ideia de tranquilidade, dignidade e pureza.”. Quanto à cor cinza ele declara: “desprovido da emoção que a intensidade da cor transmite, o cinza pode parecer algo distante ou sugerir riqueza intocável [...] sugere exatidão, controle, competência, sofisticação”. O contraste gerado pelo tom e pela escala provoca um estímulo na atenção do expectador, pois “desequilibra, choca, estimula, [...] Como em qualquer ambiente em que predominasse a cor cinza, teríamos a sensação da visão sem ver, da vida sem viver”. (DONDIS, 2007, p. 107), expondo visualmente a dor, o sofrimento guardado dentro de cada uma das mulheres retratadas.

Refletindo sobre as aproximações e distanciamentos do projeto *Women Are Heroes* em relação ao design social, é perceptível que sua distância em relação a peças de design que abordam de maneira mais direta causas sociais, culturais e políticas, como peças de design visual contra o assédio sexual de mulheres, discriminação de gênero ou campanhas pela valorização da representação feminina na política. Por outro lado, o projeto se aproxima dos valores e essência do design social ao trazer visibilidade às condições, necessidades e lutas das mulheres em diferentes comunidades pobres do mundo, ouvir suas histórias, fotografar seus rostos, reproduzir e expor essas imagens em grande escala.

A mudança de escala simboliza a importância dessas mulheres, consagra como heroínas mães e avós que criam sozinhas seus filhos, são chefes de família, em comunidades expostas à precariedade e vulnerabilidade. Ao expandir a imagem, o projeto alarga a visibilidade para a situação dessas comunidades, afirma o valor dessas mulheres e provoca de fato transformação na região em que vivem, como é o caso do morro da Providência. Nesse sentido, pode-se afirmar que, assim como o design social, o projeto buscou agir de forma empática e ter consciência das histórias e problemas que envolvem a sociedade, almejando transformar a vida de pessoas e a região onde estão inseridas e,

desta forma, pode ser um agente de transformação. JR buscou alcançar os desprivilegiados da sociedade, trouxe visibilidade e marcou também a vida dessas mulheres, dando-lhes valor em meio ao descaso e força, ao lembrá-las que são verdadeiras heroínas.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fotografia, através de seu caráter documental, tem em si a capacidade de alcançar pessoas e lugares inimagináveis, ainda que para alguns “as imagens têm sido um modo de ver o sofrimento à distância” (SONTAG, 2003, p. 98).

Mostrar um inferno não significa, está claro, dizer-nos algo sobre como retirar as pessoas do inferno, como amainar as chamas do inferno. Contudo, parece constituir um bem em si mesmo reconhecer, ampliar a consciência de quanto sofrimento causado pela crueldade humana existe no mundo que partilhamos com os outros. [...] Tais imagens não podem ser mais que um convite a prestar atenção, a refletir, aprender, examinar as racionalizações do sofrimento em massa [...] tudo isso com a compreensão de que a indignação moral, assim como a compaixão, não pode determinar um rumo para a ação. (SONTAG, 2003, p. 95 e 97)

Ao apresentar ao mundo as imagens das mulheres, destacando-as na paisagem, revelando e valorizando sua existência e papel dentro dessas comunidades, trazendo em si as marcas e dores de grande sofrimento, ao compartilhar suas histórias e mostrar que essas mulheres existem, tem rosto e identidade, JR afirma o poder da escuta, do envolvimento e da transformação, inerentes ao design social e a seu trabalho (JR), vide a transformação provocada pelo projeto social no morro da Providência.

Através do uso de imagens enormes e destacadas em seu contexto, que tocam vidas, fazem alerta, proporcionam espanto, transmitem incômodo, descontração, alegria ou paz, mesmo que breve, em alguns casos, JR aponta o poder da imagem em um mundo tão visual. Desta forma, percebe-se o papel operado pela fotografia na transformação do olhar e da vida em diferentes comunidades ao redor do mundo.

Conclui-se, portanto, que este estudo alcançou seu objetivo ao apresentar o papel da fotografia enquanto documento social e elemento de transformação do real, através da série *Women Are Heroes*, produzida pelo fotógrafo francês JR, analisando a linguagem visual e as estratégias de composição de suas imagens, assim como aproximações e/ou distanciamentos entre as imagens da série citada e o design social.

#### 4. REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.
- BECKER, H. **Outsiders: Studies in the sociology of deviance**. New York: Free Press, 1973.
- BERGER, J. **Modos de ver**. Barcelona: Gustavo Gili, 2005.
- CAIELLI, R. **As imagens de JR: seus regimes estéticos e políticos**. Dissertação (mestrado em comunicação e semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p.83. 2017.
- CAN ART CHANGE THE WORLD? **Quem somos**. Disponível em: <<http://www.canartchangetheworld.net/casaamarela/sobre-nos>>. Acesso em: Acesso em 19 de setembro de 2018.
- COELHO, L. **Conceitos-chave em design**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2008.
- DENIS, R. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Edgar Blücher, 2000.
- DONDIS, D. **Sintaxe da linguagem visual**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Prós, 1999.
- SCOREL, A. **O efeito multiplicador do design**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.
- FABRIS, A. Discutindo a imagem fotográfica. **Domínios da imagem**. v.1, n.1, p. 31-41, 2007.
- FREIRE, C. **Escrita da história e (Re)construção das memórias: arte e arquivos em debate**. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2016.
- FREUND, G. **Fotografia e Sociedade**. Lisboa: Nova Veja, 2010.
- HOVNANIAN, M. **Representações artísticas com os moradores de rua por meio da luz e do movimento**. 2014. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Curso de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.
- HUSSAK, P. **Rancière: a política das imagens**. Princípios, v. 19, n. 32, p. 95-107, 2012.
- JR ARTIST. **JR**. Disponível em: <<http://www.jr-art.net/jr/>>. Acesso em: 30 março 2018.
- \_\_\_\_\_. **Woman Are Heroes**. Disponível em: <<http://www.jr-art.net/projects>>. Acesso em: 18 maio 2018.
- KOSSOY, B. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.
- LÖBACH, B. **Design industrial: bases para a configuração dos produtos industriais**. São Paulo: Edgar Blusher, 2001.

LUPTON, E.; PHILLIPS, J. **Novos Fundamentos do Design**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

MANZINI, E. **Design para inovação e sustentabilidade**: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

MARQUES, A.; CORREIO, A. Rancière e a política das imagens: rosto, olhar e subjetivação na fotografia de JR. **REVISTA ECOPÓS**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, dossiê, 2014.

PAPANEK, V. **Design para el mundo real**: Ecología humana e cambio social. Madrid: Ediciones Blume, 1977.

RANCIÈRE, J. **El teatro de imágenes**. In: AAVV, Alfredo Jaar. La política de las imágenes, Santiago de Chile, editorial Metales pesados, p.69-89, 2008.

\_\_\_\_\_. **O destino das imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SAMARA, T. **Elementos do design**: guia de estilo gráfico. Porto Alegre: Bookman, 2010.

SILVA, A. "Fotógrafo francês JR fala sobre imagens em morro no Rio". Folha de São Paulo, 19 de agosto de 2008. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2008/08/435161-fotografo-frances-jr-fala-sobre-imagens-em-morro-no-rio.shtm>>. Acesso em: 07 de abril de 2018.

SHEA, A. **Designing for social change: strategies for community-based graphic design**. New York: Princeton Architectural Press, 2012.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TED *Ideas Worth Spreading*. **JR Street artist**. Disponível em: <<https://www.ted.com/speakers/jr?language=pt>>. Acesso em: 30 março 2018.

\_\_\_\_\_. **JR TED 2011: My wish: Use art to turn the world inside out**. <[https://www.ted.com/talks/jr\\_s\\_ted\\_prize\\_wish\\_use\\_art\\_to\\_turn\\_the\\_world\\_inside\\_out](https://www.ted.com/talks/jr_s_ted_prize_wish_use_art_to_turn_the_world_inside_out)>. Acesso em: 30 março 2018.

**Contatos:** [amandagraziela@hotmail.com](mailto:amandagraziela@hotmail.com) e [anapaula.calvo@mackenzie.br](mailto:anapaula.calvo@mackenzie.br)